

SOCIUS Working Papers

Comunicação apresentada na Conferência

“O Assédio Moral no Local de Trabalho: emergência de uma nova realidade”

(29 e 30 de Novembro de 2007)

João da Mata

**“Aspectos subjetivos das relações de poder
contidas no assédio moral”**

Nº 8/ 2008

SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações
Instituto Superior de Economia e Gestão
Universidade Técnica de Lisboa
Rua Miguel Lupi, 20
1249-078 Lisboa
Tel. 21 3951787 Fax:21 3951783
E-mail: socius@iseg.utl.pt
Web Page: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/index.htm>

Aspectos subjetivos das relações de poder contidas no assédio moral

RESUMO

As relações humanas são atravessadas por malhas e conflitos de poder que estendem-se pelas várias esferas do cotidiano. No caso das relações ambientadas no trabalho, tais conflitos acontecem por meio de uma sutil e ampla rede de micro-poderes capazes de produzir sérias implicações à subjetividade das pessoas envolvidas na interação. Este é o caso do assédio moral em ambientes de trabalho.

Uma das implicações de tal prática de poder situa-se especialmente no campo da comunicação. O paradoxo estabelecido entre a comunicação verbal e os sinais e códigos da comunicação não-verbal, tende a produzir uma relação dúbia e confusa, onde comunicador e comunicado encontram-se envolvidos num perigoso jogo, distante da sinceridade. Tal dissonância criada neste tipo de comunicação produz o que os comunicólogos chamam de dupla-vinculação, um arriscado dispositivo de poder nem sempre percebido e combatido.

Outra implicação sobre a subjetividade reside notadamente nos efeitos emocionais destas relações de poder. A partir da perspectiva do psicanalista Wilhelm Reich, corpo e emoção estão intimamente relacionados, não podendo ser pensados separadamente. No caso do assédio moral o que está em jogo é o corpo e o desejo por este corpo. Portanto, é fundamental percebermos as conseqüências emocionais de uma pessoa que passa por esse tipo de embate.

Por fim, devemos refletir sobre a ética em vigor, autoritária e machista, que entende o outro dentro de uma ótica instrumental de uso e apropriação. Corpo, desejo e moral misturam-se dentro da lógica perversa de uma relação ética distante do *outro* e a serviço apenas dos interesses o *eu* egocêntrico. Tais questões, que poderíamos pensar a partir de uma observação filosófica, também extrapolam para limiares políticos e ideológicos das práticas de convivência humana.

Palavras-chave: subjetividade, corpo, poder, ética.

ABSTRACT

Subjective aspects of power relationships inside the problematic of “Moral Harassment”

Human relationships are under conflicts of power, spreading in many areas of everyday life. In work environments, for instance, those conflicts happen through a subtle but wide web of micro-powers able to produce bad influences to everyone living in those relationships. This is the case of “moral harassment” inside work places.

One of the main implications of these power’s practices is linked with communication. The paradox between verbal and non-verbal communication, speech and body language giving opposite messages, creating misunderstandings and confused relationships where speaker and listener play a dangerous game, far away from honesty. This kind of misunderstanding produces what is called “double-bind” by communication researchers, a very risky game of power that sometimes keeps itself hidden and is difficult to fight against it.

Another implication over subjectivity lies on the emotional consequences of this kind of harmful relationships. From psychoanalyst Wilhelm Reich’s perspective, body and emotion are deeply linked and can’t be thought separately. In this perspective, the “moral harassment” is actually a demand for the body itself and the desire for that body. Therefore, it’s extremely important to realize the emotional results produced from this type of human relationship.

To sum up, we ought to think about the ethic we live today (authoritarian and sexist) which inscribes the “other self” inside a conduct of use and appropriation. Body, desire and moral are blended inside a perverse logic that puts “myself” far from the “others” and works exclusively for the interests of the egocentric “me”. Those questions, which could be thought through a philosophical bias, also explore the political and ideological issues of human living attitudes.

Key-words: subjectivity, body, power, ethic

Aspectos subjetivos das relações de poder contidas no assédio moral

* João da Mata

Relações de Poder e o Assédio Moral

Pretendo analisar neste artigo algumas questões acerca do assédio moral no ambiente de trabalho. Para tanto, vou procurar debater o tema a partir de uma perspectiva onde possamos compreender o comportamento humano em contínua interação com as práticas de poder contidas em diferentes níveis da sociabilidade. Esta íntima relação entre indivíduo e sociedade, nos aponta para uma analogia dinâmica do poder em diferentes estruturas da convivência humana, o que nos leva a falar de uma “política do cotidiano”. Para além das práticas políticas de partidos e governos, olhar para o que está perto, ao lado, no micro-social faz com que possamos compreender alguns dos germes do autoritarismo social.

Neste sentido, vale sempre lembrar a lucidez de pensadores como Etienne de La Boetie (2002), Wilhelm Reich (1988) e Michel Foucault (1999), para quem o problema principal não é aquele antigo, sobre quem nos oprime ou como o faz. Para eles, respectivamente, nossos problemas estão em perceber a nossa própria servidão voluntária; o povo quando produz e legitima o fascismo; e o desejo, quando deseja a sua própria repressão. Além disso, todos propõem nossa radical liberdade, mesmo que nela pouco acredite-se. Estes pensamentos anômalos, que apontam radicalmente para nossa liberdade e para a nossa autonomia, apontam também um dado importante acerca da responsabilidade que temos na sociedade: se nós mesmos produzimos os sistemas nos quais vivemos, e precisamos sempre falar em primeira pessoa quando o assunto diz respeito à nossa vida coletiva, quem senão nós mesmos inventaremos nossos novos pactos de liberdade? Se não somos responsáveis pelas mazelas dos abusos de poder, nos omitimos quando não queremos refletir sobre eles e assim, nos tornamos coniventes. Não seria então a problemática do assédio moral algo condizente com outras práticas de poder que legitimamos e/ou nos omitimos? Não são condições óbvias das sociabilidades hierarquizadas em que vivemos?

Na cruel e perversa lógica do capitalismo pós-industrial, os corpos estão conectados a diferentes mercados, em geral mercados que tratam materialmente dos seus modos de ser e viver, de utensílios ou serviços que economizam ou maximizam as

forças do empreendedor bem comportado, prometendo a redenção final de suas angústias: sensações seguras, identidades *prêt-a-portet*, implantes e desfrutes frugais, paz e guerra televisionadas, alimentação laboratorial e balanceada, planos de saúde que não processam e ainda atendem, seguros privados de casa, carro, aposentadoria, *contra terceiros*, de morte ou vida. Tudo isso pago nas suaves prestações de uma dívida infinita, justamente no modelo kafkaniano d'O Processo¹.

Hierarquia e sociedade: pacto silenciado

A maioria das relações humanas da sociedade atual é fundamentada no conceito de hierarquia. O poder está determinado por funções, por conhecimento, por idade, por inúmeros motivos que justificam um desnivelamento entre as pessoas que se relacionam. Não há dúvidas que existem diferenças entre as inúmeras funções que hoje ocupam a sociedade, mas elas não deveriam significar autoritarismos e nem submissões nas relações interpessoais. A autoridade deve ser exercida através da competência e da eficiência em determinadas áreas, sem o excesso desta função para outras áreas vitais.

Em todos os agrupamentos, dos mais primários (casais, famílias, pequenas comunidades) até os mais complexos (empresas, escolas, instituições em geral), a hierarquia é encarada, dentro de uma visão conformista, como um fator inerente à própria socialização. E a consequência deste tipo de organização humana traz seqüelas patológicas sobre as individualidades que compõe um grupo social: divergências, competição, jogos psicológicos e emocionais, abuso de poder e até violências. Tal exercício de poder se faz quase que de forma inevitável, inclusive utilizando-se do assédio moral como um desses veículos. As hierarquias parecem muitas vezes cair numa falsa lógica, onde quem pode mais na escala social ou funcional, se credita ao direito de expandir seus poderes para seus subordinados. Valores humanos e éticos são assim colocados de lado, para que se estabeleça o valor do mais forte, de quem detém mais poder e arrogância. Nesta roda viva de poder e subalternização, há espaço suficiente ao desrespeito ao outro, entendido numa lógica instrumental de uso e apropriação.

¹ Franz Kafka (2001) sintetiza esta afirmação quando, no seu livro O Processo, mostra como a quitação aparente e a moratória ilimitada são as principais formas de resolução e encaminhamento do sistema burocrático que dá ambiência à sua trama.

O pressuposto inevitável da hierarquia é base para parte do estudo psicológico das interações humanas e as pesquisas sobre dinâmicas de grupo. Ao encarar as diferenças como fator determinante de uma posição social, corre-se o risco de uma visão fatalista sobre as possibilidades de construção de uma maior autonomia dos indivíduos, sem prejuízo do coletivo. Ou seja, a busca de um novo referencial de relação social torna-se necessário, senão como utopia realizável, com certeza enquanto possibilidade de um equilíbrio indivíduo/coletivo que afaste os problemas originados na socialização hierárquica baseadas no uso do poder e suas variadas manifestações. A hierarquia que se constrói a partir do exercício do arbítrio, do abuso ou do autoritarismo é também a mais óbvia. Os sinais de controle exagerados são facilmente identificados porque acontecem de forma direta, com as ameaças de punição assumidas claramente por parte de quem manda e de quem obedece. O poder quando ele é explícito chega a se tornar óbvio e de fácil crítica.

São as práticas de poder que navegam por formas disfarçadas que têm nos interessado especialmente nesse estudo. Neste contexto insere-se a importância pelo tema que aqui apresentamos. O assédio moral representa justamente uma conduta abusiva, ordinária, mas não, necessariamente, fundada em uma posição de ascendência do agente sobre a vítima, mas que de qualquer maneira, visa a desestabilizá-la emocionalmente e abalar sua saúde psíquica. Sua prática é geralmente dissimulada, obscura e confusa. Até se tornar explícita, sua manifestação bem provavelmente já produziu alguns estragos. E é justamente por sua aparente dissimulação que o assédio moral encontra tanta dificuldade em ser combatido.

Desta forma, uma importante contribuição sobre a análise do poder fragmentado foi dada pelo filósofo francês Michel Foucault (2002). Para ele, os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, e que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. O poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. A rigor, nesta visão de Foucault, o poder não existe; existem, sim, práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce e se efetua, e funciona como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, mas uma relação. A hierarquia,

portanto, possui mecanismos de controle muito mais sofisticados e sutis do que o autoritarismo explícito. Como em todos os âmbitos de sociedade, os ambientes de trabalho também estão contaminados por estas relações de poder, produzindo com isso, conseqüências inevitáveis neste tipo de sociabilidade. Foco inevitável do poder, o corpo se torna começo e fim destas práticas com nos mostra Foucault,

"O desenvolvimento do capitalismo só pode ser garantido à custa da inserção dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (...) a sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico, não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande superfície sem a qual a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço do controle e da resistência que se encadeiam uns aos outros segundo algumas grandes estratégias de saber e poder" (Foucault, M. 1976: 100)

Desta forma, é cada vez maior a necessidade de se averiguar os meios de produção, especialmente na forma como se dão as relações humanas, o comportamento entre indivíduos e suas infinitas nuances em ambientes profissionais. As relações de poder dentro das instituições que abdicam das singularidades em função de uma obediência compulsória e servil se tornam terrenos propícios para as práticas de assédio moral.

Comportamento e política

O austríaco Wilhelm Reich (1897–1957) realizou suas pesquisas em vários campos de conhecimento como a Psicologia, a Biologia e a Política. Reich construiu uma obra monumental a partir da descoberta do inconsciente por Sigmund Freud (1856-1939), de quem foi discípulo e posteriormente um de seus maiores críticos. As teses reichianas de que o conflito humano é um produto social e a relação entre o inconsciente e o corpo, apontaram para uma nova possibilidade de compreensão do comportamento humano: a psicologia e a pedagogia políticas, num processo contínuo de (re)conhecimento de si a partir do corpo e suas reações, posturas, movimentos e comportamentos em sociedade.

Reich (1988) defendeu a tese de que, mais do que imanente e antropológica, as dificuldades e problemas emocionais são produzidas pelas relações de poder presentes na sociedade, agindo sobre os indivíduos em variadas esferas da sociabilidade. A ameaça de ser rejeitado ou excluído dissimulado na sutileza dos jogos

e chantagens em ambientes como a família, a escola e o trabalho, levam a um controle inconsciente do coletivo sobre a individualidade, aonde a norma, a regra e a lei vão formatando o comportamento.

A outra tese reichiana materializa a idéia de inconsciente. Reich estudou a relação corpo/mente e demonstrou em suas pesquisas como a interiorização do autoritarismo social atua sobre as posturas e os movimentos corporais, criando o que ele chamou de *couraçã neuro-muscular do caráter*². Esta cronificação da musculatura que atinge o corpo mecaniza o comportamento através de distúrbios neuro-vegetativos: reações e alterações corporais e emocionais que se repetem diante de situações sociais de enfrentamento entre a individualidade e o(s) outro(s). Reich observou que emoções e pensamentos têm sempre equivalentes físicos e vice-versa. Uma emoção traz sempre consigo mudanças no corpo, relacionadas às contrações musculares localizadas e modificações na respiração e na postura física. Isto acontece, por exemplo, numa situação de medo: o corpo sofre diferentes alterações fisiológicas (aumento do batimento cardíaco, dilatação das pupilas, contrações musculares etc.) necessárias para uma melhor resposta à ameaça. No entanto, se um indivíduo for submetido desde a infância a contínuas situações de medo ou insegurança, as transformações fisiológicas naturais, em vez de circunstanciais, tendem a se cristalizar de forma inconsciente. Aquilo que deveria acontecer em situações específicas torna-se contínuo na vida da pessoa, criando-se, então, uma estrutura muscular e de postura característica que determina o seu jeito de estar no mundo: o seu caráter.

Para Reich (1988), o conflito emocional se instala no corpo e se manifesta nas submissões e autoritarismos que reproduzem uma engrenagem necessária para a manutenção do poder do muitos sobre o um. É o grande instrumento de dominação, sutil e perverso, porque padroniza no indivíduo médio à servidão voluntária e bloqueia os potenciais de diversidade humana. A obra de Wilhelm Reich - notadamente em “Análise do Caráter” (2001), “A Função do Orgasmo” (1984) e “A Psicologia de Massa do Fascismo” (1988) - serve de vantajosa possibilidade para percebermos as práticas de poder e suas implicações presentes no assédio moral. Uma

² Termo cunhado por Wilhelm Reich e desenvolvido em alguns de seus livros (especialmente em “A Função do Orgasmo”) e que se refere às tensões crônicas da musculatura voluntária. Esta noção, seguindo uma compreensão reichiana, afirma que a couraçã é a materialização da repressão no corpo das pessoas, criando uma espécie de corporificação do inconsciente. Trata-se de uma rigidez crônica nos músculos que impede a circulação plena da energia vital, tornando, então, um corpo sem vida, incapaz de agir de forma espontânea, de sentir prazer e emoções verdadeiras.

das suas principais teses, a de que a repressão moral produz uma sociedade perversa, de alguma maneira vem a se conjugar com as redes e malhas de poder da qual Foucault se refere. Para ele, repressão sexual seria, portanto um agente causador dos mais variados distúrbios psico-sociais como nos mostra:

"Podemos constatar que a atitude agressiva perante o mundo exterior é tanto mais intensa quanto mais as exigências esbarram com obstáculos internos ou externos. (...) Portanto, se o recalçamento da genitalidade e mais especialmente a ausência de satisfação genital incrementam as tendências sádicas, temos que admitir que a tendência para rejeitar, reprimir e dividir a sexualidade (tendência que na nossa civilização é generalizada) desempenha um papel decisivo na emergência do sadismo humano" (Reich, W. 1977: 83)

Vemos assédio moral como um desses horrendos sadismos que o homem vem a praticar. Ele degrada o indivíduo, atingindo diretamente a sua auto-estima e condições físicas e psicológicas para o trabalho. A pessoa que sofre esse tipo de ação é frequentemente estigmatizada por seu agente causador, que cria uma condição tal que ela passe a ser vista como culpada pelos seus “erros, incapacidade, incompetência, falta de sociabilidade, depressão, alterações de ânimo” e outros tantos comportamentos, até que fique desacreditada e isolada dos demais. Ao mesmo tempo, a vítima, diante da humilhação recorrente, baixa sua auto-estima e, gradativamente, perde sua capacidade para reagir, pois muitas vezes sente-se culpada. Mas, o medo do desemprego, a cobrança social, as responsabilidades levam-na a suportar o assédio, até o momento em que, muitas vezes perde o controle sobre sua vida física, mental e psíquica. Esta perda do equilíbrio emocional inicia-se nos jogos de uma comunicação paradoxal e confusa, típicos das manobras de relação no assédio moral, como veremos a seguir.

A comunicação paradoxal do assédio moral

A pragmática da comunicação humana foi primeiramente estudada pelo movimento surgido na década de 1950, inicialmente nos Estados Unidos, denominado de Antipsiquiatria. Tal estudo desenvolvido pelos antipsiquiatras logo se tornou um dado científico original na compreensão das relações de poder contidas nas interações em diversos níveis da convivência humana. A importância dada a partir de então aos vínculos afetivos e, sobretudo o tipo de comunicação utilizada nestas esferas da sociabilidade representou um rico campo para a compreensão das sutis camadas do

exercício do poder. Apesar de terem sido fundamentadas há mais de cinquenta anos, estas pesquisas foram praticamente abandonadas pela Psicologia e pela Sociologia.

Foi em 1956 que surgiu o trabalho decisivo nesse campo, realizado na Universidade de Palo Alto, na Califórnia, pelo antropólogo e comunicólogo Gregory Bateson (1904-1980) e sua equipe, publicado com o título de "Sobre uma Teoria da Esquizofrenia". Uma das principais descobertas da Antipsiquiatria foi perceber como que os desequilíbrios emocionais decorrem de distúrbios na comunicação humana. Existe um defeito na forma de se comunicar e de se relacionar, normalmente utilizado na socialização, que leva inicialmente à confusão e, conseqüentemente, à desorganização do pensamento e à dificuldade de entendimento da realidade. Isso muitas vezes acontece desde a infância, quando a criança recebe um tipo de comunicação paradoxal, chamada *duplo-vínculo*. Como a própria expressão indica, nesse caso, são enviadas duas mensagens simultâneas, e uma sempre contrária à outra. É uma forma de afirmar e negar algo ao mesmo tempo. Um sim e um não juntos, transmitidos pelo mesmo canal de comunicação (pela fala) ou por canais de comunicação diferentes (fala e expressão gestual). Esse tipo de comunicação paradoxal, utilizada na relação duplo-vinculadora, primeiro causa a confusão e, a partir daí, seu uso contínuo pode levar à completa perturbação na relação com o outro.

O duplo-vínculo ocorreria, por exemplo, quando uma pessoa nos dissesse sim e não ao mesmo tempo, se demonstrasse estar alegre e triste de uma só vez, se transparecesse nos odiar e afirmasse verbalmente seu amor por nós. Como afirmamos, a dupla vinculação pode ser feita através de dois canais de comunicação, afirmando pela fala e negando pela expressão facial, por exemplo. Também pode ocorrer em apenas um canal de comunicação, no paradoxo entre um conteúdo verbal de uma fala e sua inflexão. Seja como for, seu uso contínuo e sistemático produz uma interferência nos vínculos estabelecidos, onde comunicador e comunicado se vêem inversos num confuso e perigoso campo de entendimento e não-entendimento. A partir daí tudo pode ser verdade e/ou mentira, pois nada está claro e sua própria dissimulação é condição constituinte do jogo relacional.

Segundo Mariotti (2000), o duplo-vínculo estabelece uma situação paradoxal, que ocorre quando uma pessoa se vê diante de mensagens de aceitação e rejeição. Tais mensagens são simultâneas e contraditórias, de modo que quem as recebe

fica confuso. Esse quadro é muito comum em ambientes profissionais, principalmente entre membros de hierarquia diferentes. Este é o caso da prática do assédio moral, que geralmente demanda árdua comprovação, uma vez que, em geral, sua ocorrência é dissimulada e camuflada. Além do mais, seu conhecimento não raro restringe-se ao agressor e à vítima. Essa dificuldade restringe ou dificulta especialmente a pretensão de reparação da ofensa ou mesmo a identificação do paradoxo na comunicação utilizada entre os envolvidos na questão.

Na situação do assédio moral, especialmente estabelecido entre pessoas de posições hierárquicas diferentes, este jogo comunicacional tende a encobrir a suposta relação de poder e controle, uma vez que as informações não são ditas claramente. Assim, nestes casos, o duplo-vínculo se torna extremamente perverso, porque obriga as pessoas a conviver com uma ambigüidade externa que, por sua vez, lhes mostra a dificuldade que elas têm para lidar com a ambigüidade da própria condição humana.

O eu e o outro: um pacto ético

Acredito ser de importância fundamental para finalizar este breve estudo sobre as práticas de poder no assédio moral e suas implicações sobre a subjetividade das pessoas, refletirmos, mesmo que resumidamente, sobre a ética em vigor na atual conjuntura ideológica no mundo. Vivemos em um contexto onde o capitalismo tornou-se hegemônico a tal ponto que suas influências não podem ser pensadas apenas circunscritas às esferas financeiras. São inegáveis seus efeitos sobre as várias áreas da vida humana, inclusive sobre a ética e o comportamento. O que está em vigor é uma ética autoritária e machista, que entende o outro dentro de uma ótica instrumental de uso e apropriação. Corpo, desejo e moral misturam-se dentro da lógica perversa de uma relação ética distante do *outro* e a serviço apenas dos interesses o *eu* egocêntrico. Tais questões, que poderíamos pensar a partir de uma observação filosófica, também extrapolam para limiares políticos e ideológicos das práticas da convivência humana.

O filósofo francês Michel Onfray (MATA, 2007) tem fornecido uma curiosa proposta ética em contrapartida à observada hoje em dia. Em seu materialismo hedonista, Onfray defende que o desejo pessoal desconectado com o outro pode rapidamente tornar-se um desejo contra o outro. O egoísmo e mesmo o egocentrismo só

obedece à sua própria voz, desprezando os sinais e indicativos do outro. Para Onfray, a ética reside na possibilidade de estabelecer um balanceamento dos interesses, que possibilite um constante arranjo de forças. Ele propõe que se deva estabelecer um entendimento com o *outro* para se descobrir o real sentido do *eu*. O respeito que é vivido por um encontra seu significado e seu retorno quando a troca é simétrica. Quando esta simetria se desfaz, há falta de ética e conseqüentemente tendência para o egoísmo. Na procura deste equilíbrio, Onfray defende a importância do outro como um espelho que auxilia na própria identificação de cada um. Este é o oposto de referencial ético em que estamos inseridos na atual conjuntura de valores. Distante do outro, cada qual estabelece seus valores baseados em interesses pessoais, onde como já falamos quem detém mais poder e *status* na hierarquia social, elabora e põe em prática seus desejos à revelia dos outros e sem medir as conseqüências para os demais. O assédio moral é uma representação clara deste tipo de referencial ético. Não que ele seja um fenômeno atual. Sabemos que o assédio moral remonta a tempos distantes de hoje. No entanto, suas ocorrências têm se tornado cada vez mais freqüentes, o que parece refletir justamente o conjunto de valores que estamos assistindo no momento.

A partir da afirmação de Friedrich Nietzsche, em *Gaia Ciência* (2001): “Para mim é tão odioso seguir quanto guiar”, Onfray elabora a noção de uma ética libertária, onde cada um encontra no outro, elementos que se conjugam aos seus para o exercício da diferença e da autonomia. Seguindo sua argumentação, o autor afirma que o prazer individual só tem sentido de constituir-se no intercâmbio e na troca que se faz presente na existência, num jogo de permanente busca de simetria. Está aí um importante elemento de tensão no pensamento de Onfray, quando defende o individualismo e ao mesmo tempo busca conjugá-lo à alteridade. Segundo ele, estabelecer uma possibilidade de liberdade sem prejuízo ao outro é uma das questões que seu materialismo hedonista pretende discutir. Assim, na relação com o outro, o materialismo hedonista irá propor um cálculo dos prazeres, buscando estabelecer uma troca em busca de afinidades eletivas.

Michel Onfray, em oposição à ética em vigor, propõe a amizade como uma forma de relação com o outro instalado no topo das virtudes morais. É no encontro entre amigos, que se inscreve um pacto de respeito e valorização da singularidade, entre ambas as partes. Com o amigo é possível estabelecer um acordo de colaboração de si e do outro, elevando a prática do respeito a um equilíbrio para ambas as partes. Segundo

Passetti (2003), “A amizade supõe respeito ao outro independentemente do respeito à lei, causa do respeito moral. Respeita-se o amigo sem a exigência da lei, supondo um amor pelo outro a ser cultivado. É um amor diferente daquele entre homem e mulher fundado na atração e que contradiz o respeito por supor certo distanciamento. O amor da amizade é simpatia”. (p. 207).

É óbvio que nem sempre é possível estabelecer as relações de trabalho dentro da perspectiva da amizade. Mas é preciso repensar as práticas éticas em vigor e tentar aproximá-las de relações mais respeitadas, onde o *eu* e o *outro* se articulem e estabeleçam uma aritmética de liberdade e autonomia entre ambas as partes. Porque, caso contrário, estaremos a assistir o circo dos mais absurdos casos de abusos que o autoritarismo pode produzir. Ou por outro lado, criar cada vez mais normas de controle e aplicação de penas rígidas para punir os “desviantes”. A própria relação de crime e castigo, se não nos damos conta, apenas reproduz e alimenta a engrenagem do poder instituído e assim, o fortalece. Portanto, se não serão as transformações éticas que a sociedade deverá passar, só mesmo mais punição para corrigir os próprios subprodutos que o capitalismo e sua ética egoísta criam. Acredito não ser este o interesse deste encontro.

***João da Mata** é Psicólogo, Mestre em Filosofia e Doutorando em Sociologia Econômica e das Organizações – SOCIUS/ISEG/UTL.

Referências Bibliográficas

- BATESON, Gregory (1979) **Mind and nature; a necessary unity**. Londres: Wilwood House.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. (s.d.). **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa (Portugal): Assírio e Alvim.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. (1995). **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia (vol.1)**. São Paulo: Ed. 34.
- FOUCAULT, Michel. (1999). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (2002). **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes.
- (1976) **Historie de la sexualité.I la volonté de savoir**. Paris: Gallimard.
- KAFKA, Franz. (2001). **O processo**. São Paulo: Edições Sabotagem.
- LA BOETIE, Etienne. (2002). **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Edições Sabotagem.
- MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MATA, João da. (2007) **Prazer e Rebeldia – O Materialismo Hedonista de Michel Onfray**. Rio de Janeiro: Achiamé.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2001) **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras.
- ONFRAY, Michel. (1995). **A escultura de si: A moral estética**. Rio de Janeiro: Rocco.
- ONFRAY, Michel. (1999). **A arte de ter prazer: Por um materialismo hedonista**. São Paulo: Martins Fontes.
- REICH, Wilhelm. (1984) **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense.
- (1976) **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2001) **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes.
- (1972) **Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?** Porto: H. A. Carneiro.
- (1988) **Psicologia de massa do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes.
- (1977) **Psicopatologia e sociologia da vida sexual**. Porto Publicações Escorpião.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, J. H. e JACSON, D. D. (s/d.) **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix.